

VIII ENECIÊNCIAS 2024

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E ARTÍSTICA ENTRE TINTAS, LINGUAGENS E AMBIENTES

Júlia de Sousa Peçanha Ramos

Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ)
juliaramosbio@ufrj.br

Américo de Araújo Pastor Junior

Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ)
americopastor@nupem.ufrj.br

Rafael Nogueira Costa

Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ)
rafaelnogueiracosta@gmail.com

Paula Alvarez Abreu

Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ)
abreu_pa@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a produção de um documentário sobre uma experiência educativa realizada no âmbito do projeto “O Rio Macaé como sujeito no (per)curso para potencializar inovações na educação”. O documentário “Um Rio num Muro” foi produzido a partir de uma prática em que alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Álvaro Bastos, que construíram um mural chamado Rio Macaé com o propósito de fomentar o saber sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Macaé. Para registro e divulgação científica, o ato de documentar o processo permite a compreensão sobre as relações de ensino-aprendizagem e as possibilidades "educativas" a partir do afeto, da curiosidade e do respeito. Este texto traz um relato desta experiência a fim de inspirar novas propostas que permitam conectar arte e ciências ambientais.

Palavras-chave: documentário, grafite, meio ambiente, bacia hidrográfica.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

CONSTRUÇÃO DO MURAL E EXPERIMENTAÇÃO DE LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Durante o curso de licenciatura, é comum problematizar as estratégias de ensino, considerando as vivências cotidianas e experiências daqueles que aprendem e ensinam. (Franco, 2016) mostra que a prática dotada de um viés teórico pode ser entendida como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo.

No âmbito das ações do projeto O Rio Macaé como sujeito no (per)curso para potencializar inovações na educação, pude, entre outras responsabilidades, dedicar-me a ações voltadas ao alcance das seguintes metas do projeto: i) Caracterizar e ampliar as experiências didático-pedagógicas que vêm sendo realizadas nas escolas em relação à educação ambiental; ii) Promover o intercâmbio entre os Curso de Licenciatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro em Macaé, o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade e a Prefeitura de Macaé, com as escolas da rede pública sediadas no Norte Fluminense e; iii) Produzir materiais didático-pedagógicos e de divulgação científica sobre as características socioambientais da Bacia Hidrográfica do Rio Macaé.

Trabalhei ao longo do projeto com a caracterização e execução de atividades no Colégio Estadual Jornalista Álvaro Bastos, um colégio localizado na região periférica de Macaé. Depois do período de observação e primeiros contatos com o colégio, criei espaços de diálogo com discentes, docentes e funcionários. Posteriormente me atentei a observar os espaços ocupados pelos estudantes e os seus interesses no cotidiano. Nessa intencionalidade, percebi um interesse especial pelo grafite, em algumas oficinas que realizamos e solicitamos que se expressassem, alguns estudantes se expressavam através do grafite, de forma entusiasmada e zelosa.

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



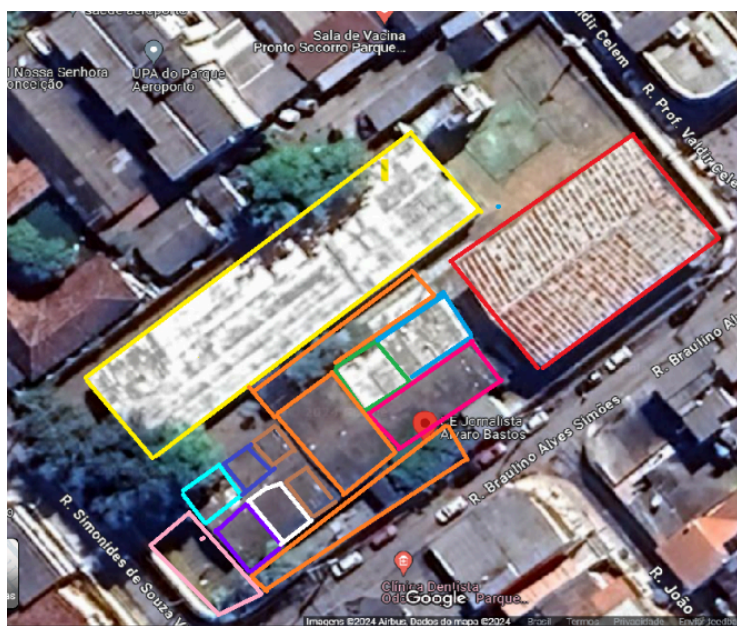
**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Ao analisar os espaços da escola, pude perceber que alguns espaços eram pouco utilizados pelos estudantes. Um exemplo desses espaços é a horta que não era muito frequentada pelos alunos. Disso surgiu o interesse de entender as razões desse desinteresse e, se possível, favorecer o estabelecimento de outras relações dos estudantes com esse espaço. Portanto, criar condições para que os estudantes prestassem atenção e cuidados à horta era um desafio. Foi aí que a experiência começou a ganhar corpo. O primeiro passo foi analisar o espaço a partir de um mapeamento dos espaços da escola. A partir desse primeiro movimento foi possível perceber que aquele local é o único espaço aberto e arborizado do colégio, onde há maior acesso a elementos “naturais”.



Legenda:

- Salas de Aula
- Quadra
- Auditório
- Laboratório de ciências
- Cozinha
- Secretaria e salas de direção, professores, coordenação e agente de pessoas
- Pátio
- Banheiros para Estudantes
- Biblioteca
- Refeitório
- Horta/espaço arborizado

Figura 1: Planta do CEJAB

Nesse ponto preciso destacar que reconheço a educação ambiental (EA) como um conjunto de processos educativos que visam conduzir a sociedade à práticas sustentáveis e à criticidade intelectual frente às relações que o ser humano estabelece com o meio

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

ambiente (Loureiro, 2005). Sob esse entendimento, a horta se mostrou rica em oportunidades para o desenvolvimento de aprendizados relacionados à EA. Contudo, os alunos não possuíam (e ainda não possuem) pleno acesso ao espaço, pois faltam funcionários que possam orientar e observar o uso do espaço em tempos comuns, fora do horário de aula.

Observei também que os muros dessa área estavam apagados, não tinham tinta e eram bem descuidados. Mudá-lo esteticamente poderia gerar maior interesse por cuidar do espaço e utilizá-lo de maneira correta, ainda mais se essa “revitalização” viesse pelas mãos dos próprios alunos. Nessa perspectiva, ainda poderia pensar uma pintura que representasse aspectos relacionados à Bacia Hidrográfica do Rio Macaé, objeto de estudo do projeto. Os alunos atuais e as próximas gerações de estudantes poderão imaginar o Rio Macaé como um sujeito vivo e colorido, com as cores que representam suas faces e partes. Assim levei a proposta àqueles estudantes interessados pela arte visual e de rua. Eles se colocaram como atores centrais para a produção do mural, se mostraram extremamente interessados e atuaram durante três meses com empenho e curiosidade. Realizamos reuniões quinzenais para a construção do esboço do mural que foi intitulado: O Rio Macaé.

Os alunos me ensinaram sobre suas vivências, sobre os rios de suas vidas, sobre os muros e a necessidade de cobri-los de tinta. Esses estudantes, maiores de idade, donos de seus próprios caminhos, buscavam os muros. Como forma de expressão de suas revoltas, frustrações e memórias, as tintas se moldavam nos muros da cidade e nas folhas de cada um dentro de suas casas. Em minhas participações, abordei muito sobre o Rio Macaé, a Mata Atlântica, a Restinga, e tudo aquilo que me era questionado e eu pudesse responder e eles foram incentivados a fazer suas pesquisas e encontrar mais respostas e fazer novas perguntas. Em cada reunião realizamos leituras, debatemos sobre as dúvidas dos estudantes e tentamos a partir dos resultados desse diálogo preparar partes do esboço do mural.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024



Figura 2: Quadro de fotos da produção do mural

Os primeiros humanos já utilizavam de paredes, pedras, tintas extraídas de plantas, cascas e frutos para expressar não apenas suas inquietações, mas suas tradições e necessidades momentâneas. As paredes nos ensinaram a ler, contar e a se comunicar. (Barchi, 2006, p.5) traz um argumento inovador, até por seu viés incômodo. Ele propõe que a pichação possui “potencialidade de arte e intervenção política anônima, utilizada na proposta de sociedades mais justas, solidárias e ambientalmente sustentáveis”. Problemas provenientes do capitalismo direcionam essa relação, onde o processo de aprendizado é

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

desenhado de forma sistemática, fazendo com que a subjetividade, a objetividade e a liberdade de expressão percam espaço. Barchi nesse mesmo texto alinha educação ambiental e a arte de rua como atores transformadores, com a proposição de redesenhar o mundo, cada um à sua forma, mas partilhando de um incômodo comum.

Ainda no período de construção do mural, os alunos solicitaram a mim que convidasse um grafiteiro para colaborar na produção do muro, o ROTA IP, ele aceitou o convite e apareceu no segundo dia de produção do mural, onde uma relação de ensino-aprendizagem se estabeleceu com um artista e escritor urbano da cidade, rompendo os muros da sala de aula. Os estudantes se empenharam durante três dias seguidos para que o esboço fosse ilustrado no muro. Essa experiência educativa teve um efeito significativo na percepção de alunos que não estavam envolvidos no projeto sobre aquele espaço. Hoje os alunos pedem aos professores que tenham aulas naquela área. E se empenham de forma mais disposta com os cuidados com a horta. A área ganhou um significado novo. Um ambiente educativo de vivência e experimentação. Durante todo o período de produção do mural fiz registros fotográficos e me empenhei na criação do roteiro do que viria a ser o documentário “Um Rio num Muro”.

O cinema, o mundo da imagem nos permite não apenas reinventar mundos, mas representar e alimentar o imaginário sobre mundos reais, que são nossos e, a partir deles, podemos nos permitir imaginar mundos socioambientalmente mais justos e saudáveis (Costa, 2019)

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024



Figura 3. Antes e depois do muro

O AUDIOVISUAL COMO UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA E UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O avanço e a democratização da tecnologia permitiram que a linguagem audiovisual penetrasse em todas as camadas sociais. [...] Sempre há alguém querendo contar uma história. A experiência efêmera do teatro pode ser impressa num vídeo, os problemas da sua comunidade, da sua rua ou do seu quintal podem ser transformados em um vídeo de ficção ou em um documentário digital. Isso é regionalizar o cinema, apropriar-se de uma linguagem artística que por muito tempo permaneceu elitizada e

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

entregá-la à população. Isso é cinema em grupo.

(Molleta, 2019, p.17)

Na perspectiva de registrar a experiência educativa realizada notei no cinema documental a possibilidade de um registro dinâmico e participativo, visando que esse material pudesse também ser utilizado como material de apoio pedagógico. Assim, decidi iniciar a produção do documentário “Um Rio num Muro”, onde o processo da experimentação de construção do mural e as questões abordadas não teriam apenas a escrita científica. Investi assim em uma escrita imagética, onde gostaria de destacar a sensibilidade e as linguagens e sintetizar o ocorrido de forma acessível ao ambiente escolar. É possível fazer uso da arte como educadora (Sato, M; Sánchez, C; Santos, D. 2022). Podendo assim reiterar que a arte de rua, como o pixo e o grafite são formas de expressão e linguagem de oposição ao sistema, uma formação política divergente, onde reivindicações vêm sendo pensadas “pelo seu próprio modo de existência, de não se adequar aos corpos monolíticos estruturais.” (Barchi, 2007, p.4). A democratização da divulgação científica se molda ao longo do tempo de forma que ganha mais eficiência quando nos apropriamos de linguagens populares, procurando desmobilizar estruturas hierárquicas e anti-dialógicas, visando não fortalecer o que reconhecemos como capitaloceno (Moore, 2016).

[...] acreditamos que a disputa político conceitual da EA necessita revelar a subjetividade dos sujeitos através da mediação pedagógica. [...] A produção do conhecimento que se constroi deve ser validada e apropriada pelos grupos sociais (Sato, 2001). Mas vale ressaltar que transversalidade e interdisciplinaridade são paradigmas situados nas esteiras de uma lógica interna, de construção democrática e muitas vezes, de morosidade complexa. Estão além de decretos governamentais, de legalismos ineficientes ou modismos de uma era. São necessidades que se estabelecem na ruptura do individualismo, inserindo-se em dimensões coletivas, muitas vezes difíceis de serem estabelecidas.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

(Michèle Sato, 2003, p.24)

Em suma, a produção de um documentário leva a experiência educativa, suas discussões, processos e consequências de forma sintetizada, atrativa e energética ao ambiente educacional como uma ferramenta para a formação socioambiental. Em Costa et al, 2023 é abordado o conceito de bio inspiração, onde é possível através da potencialização do imaginário inspirar-se nos animais, nas plantas, nos fungos e nas diversas formas de vida para guiar nossas ações em sociedade e relação com a natureza, atingindo também as nossas produções intelectuais. A construção de um muro bio inspirado e a produção de um documentário cumpre assim com as ações de EA de forma transversal como proposta na Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999), onde é instituída pela Lei Nº 9.795 que torna a EA componente permanente na educação brasileira como meio de construção de valores e conhecimentos voltados à conservação ambiental. Nessa perspectiva abordamos também uma formação ambiental emancipatória onde as relações homem-natureza são trabalhadas de forma multidisciplinar e inclusiva, almejando a formação de “sujeitos ecológicos” (Silva A. S. F.;Toschi, M. S, 2014).

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024



Figura 4. Quadro de fotos de álbum de fotos produzido durante a construção do mural

Nessa proposta, o documentário foi produzido, se iniciando com uma escrita argumentativa, onde procurei responder as questões que me incomodavam e determinar os objetivos e estratégias. Posteriormente construí uma escaleta, onde teria uma base para a fotografia, filmagem, montagem de som e edição.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Tabela 1. ESCALETA do documentário Um Rio num Muro

CONJUNTO DE CENAS	TÍTULO	AÇÃO	SOM
01	Introdução	Introdução com imagens da cidade em volta do Rio Macaé, destacando o cotidiano comum e finalizando na construção do muro e citação	Introdução da música “O Paraíso Que Me Cerca”
02	Perspectiva sobre o Rio antes da construção do mural	Recortes sobre o processo de pré produção do mural, percepções ambientais e sociais sobre o rio e sobre os atores antes dessa realização	Entrevistas de aluno e sons se apoio (água E vento)
03	O grafite e sua interação com o ambiente	Recortes de de pixos/grafites da cidade, abordando problemas ambientais comuns, como a poluição do estuário.	Entrevistas rota e alunos
04	Uma arte num muro	Recortes da ação e reflexões sobre o que ela causou, a importância da arte nas ações de ea e aprendizados	Entrevistas
05	Processo de construção	Timelapse da construção com imagem de drone do rio	Música
06	Atores	Vídeos curtos apresentando os rostos e nomes dos atores	Música
07	Créditos	Créditos	

Fonte: A autora

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

O documentário ainda não foi lançado, mas já foi apresentado na disciplina de graduação e formação docente continuada “Documentário, Educação e Pesquisa” oferecida pelo professor Rafael Nogueira Costa no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ em parceria com o Centro de Formação Carolina Garcia. Também foi apresentado e discutido entre os integrantes do projeto e atualmente os documentos finais sobre a trilha sonora estão sendo preparados para lançamento no canal do youtube do laboratório ao qual o projeto está integrado, o Laboratório Integrado em Imagem, Educação e Natureza (ImaginaLab). Contudo, até o lançamento ele vem sendo exposto internamente para discussão acadêmica. Vale ressaltar que o formato de registro a partir do cinema documental é viabilizada e incentivada pela Política Nacional de Educação Digital (PNED) instituída pela Lei N° 14.533 de 11, de Janeiro de 2023 que visa potencializar políticas públicas relacionadas ao acesso a recursos, ferramentas e práticas digitais, principalmente para parte da população brasileira mais vulnerável (Brasil, 2023).

Link de acesso ao documentário no google drive:  [UMRIONUMMURO.mp4](#)

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

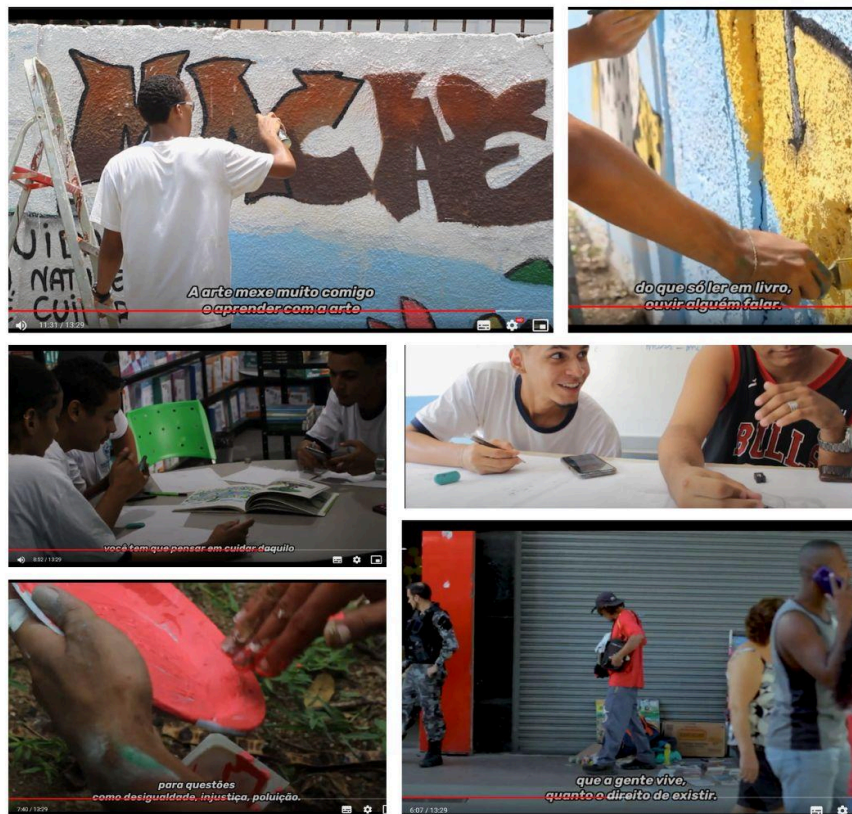


Figura 5. Quadro de fotos de trechos do documentário

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Linguagens artísticas são registros e ferramentas pedagógicas que protegem a memória. Concluir uma pesquisa ou mesmo uma experimentação “educativa” com registros é possibilitar que as próximas gerações tenham acesso às nossas memórias. Dessa forma, podem reconhecer potencialidades, déficits e informações que já passaram pelos espaços em que vivem. O conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais e histórico-culturais no ambiente educacional no Brasil possuem uma diversidade magnífica.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Onde há escolas urbanas, do campo, indígenas e quilombolas e ambientes de educação não-formal. É preciso destacar e viabilizar a divulgação científica, na sua vasta possibilidade de formatos. As amarras e heranças coloniais nos mantêm presos a ideia de que o sistema capitalista irá acabar com o planeta antes que consigamos desfazê-lo ou mudá-lo. O arte de rua e o cinema, linguagens artísticas discutidas e exploradas no presente texto, são aliados impetuosos para que possamos democraticamente entender que a divulgação científica deve ser também uma proteção da memória, da ancestralidade e da afetividade de povos que foram dominados pelo poder do capital e tiveram suas memórias invadidas, roubadas e fragilizadas. É interessante que a partir da construção da experiência relatada também seja pensado e, quem sabe, reproduzido, o uso da produção cinematográfica em grupo como aliado na formação docente inicial. (Costa, 2019) destaca a necessidade de acessar e produzir elementos para compreensão dos “códigos imagéticos”, apontando o imaginário como elemento indispensável e criterioso, crucial para a formação de professores. A regionalização do cinema inicia um processo de retomada do imaginário coletivo sobre as representações socioambientais e científicas.

Acredito que lecionar é um ato de revolução. É controverso querer fazer revoluções socioambientais quando elas parecem atos gigantes e extraordinários, mas fica mais palpável quando você percebe que atos revolucionários podem ser sensíveis e comuns. Onde ensinar se mostra possível através da esperança e da coletividade. Inclusive a coletividade precisa ser fomentada dentro dos ambientes universitários. O espírito competitivo nos afasta uns dos outros e de projetos inteligentes que demandam tempo, energia e escuta. Essa foi a maior dificuldade que encontrei no processo, senti falta da colaboração dos meus amigos universitários e IC's. Também percebi que a disponibilização de equipamentos complica as produções, não recebi muito auxílio e usei os meus equipamentos pessoais. Acredito que seja importante que a universidade seja mais

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

flexível na disponibilização de equipamentos, principalmente para mulheres que ingressaram pelas ações afirmativas.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

REFERÊNCIAS

Barchi, R. As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária. p.5, 2006.

Barchi, R. Pichar, Pixar, Grafitar, Colar: Os Discursos e Representações Sobre as Pichações nas Escolas Analisados na Perspectiva Ambiental e Libertária. TEIAS: Rio de Janeiro, v. 8, n. 15-16 p. 4, jan./dez. 2007.

Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Brasília, 1996. Disponível em: \<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: julho de 2024.

Brasil. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE. Brasília, 2014. Disponível em: \<<https://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: julho de 2024.

Brasil. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital. Brasília, 2023. Disponível em: \<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htmr>. Acesso em: julho de 2024.

Costa, N. R. Imaginamundos: O cinema socioambiental na formação inicial de professores de ciências. In: Trabalhos Completos Apresentados nos Seminários Temáticos da VII Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 4, n. 4, 2019. ISSN: 2358-5684.

Costa, R., Passos Araujo, M., Dias Ferreira, B., & Sovat Martins, L. C. (2023). “Ciclo do Caranguejo” nos Manguezais: tambores, imagens e criações. *Diálogos*, 8, p.39–64. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.8.135>

Franco, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. DOI: \<<https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>>.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Loureiro, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, 2005.

Molleta, A. Criação de curta-metragem em vídeo digital: Uma proposta para produções de baixo custo. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, p. 17, 2009.

Moore, J. (Ed.). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

Sato, M. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. In: *Educação Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24, 2001. (Bibliografia revista em fevereiro/2003).

Sato, M.; Sánchez, C.; Santos, D. L. M. dos. A epistemologia das ruas nas ftopoéticas da pandemia. *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, v. 27, n. 2, p. 1-25, 2022. DOI: \<<https://doi.org/10.14295/ambeduc.v27i2.14608>>.

Silva, A. S. F.; Toschi, M. S. A educação ambiental sob o contexto da ética e da formação do sujeito ecológico. *Élisée, Revista Geográfica da UEG – Anápolis*, v. 3, n. 2, p. 81-91, jul./dez. 2014.

Realização:



Apoio:

